ARLEQUIM
REVISTA DE ACTUALIDADES
9-FEVEREIRO-28
PREÇO 1$500
Nº 10

ARLEQUIM

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás quintas feiras, em São Paulo

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.o andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2 1.0.2.4

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS
Por anno 40$000
Por semestre 22$000
Numero avulso 1$500

GERENTE
Horacio K. de Andrade

DIRECTORES
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Americo R. Netto

ILLUSTRADOR
J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PECIVAL DE OLIVEIRA, FELIX QUEIROZ, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

MEU GRANDE AMIGO

Você me disse, hontem, com um irritante sorriso de ironia e superioridade, que toda a minha fragil pessoinha de menina moderna se achava como que impregnada de idéas scepticas e displicentes, bebidas, decerto, em leituras, perniciosas, naturalmente, pois que me haviam levado a affirmar-lhe, categoricamente, que a vida não vale a pena de ser vivida, affirmação esta em que puz, talvez, um quê de amargura que contrastava berrantemente com o tom futil e alegre do ambiente que nos rodeava.

E, a guiza de explicação, fallei a você na minha maneira de proceder ultimamente; da analyse impiedosa, que é a arma dos estoicos, que vinha fazendo de pessoas, coisas, actos, palavras... de desencanto terrivel que provara ao ver o fundo e objecto de tudo, do trabalho de dissecação mental que fizera de todos e principalmente de mim mesma, vendo-nos a nós todos, creaturas humanas, como titeres, pretenciosos e futeis, levados ao sabor e capricho de paixões nem sempre elevadas.

Contei a você que foi como se me visse, a mim mesma, reflectida, brusca e inesperadamente, num grande espelho que me devolvesse a imagem, tal como o é, com defeitos e imperfeições...

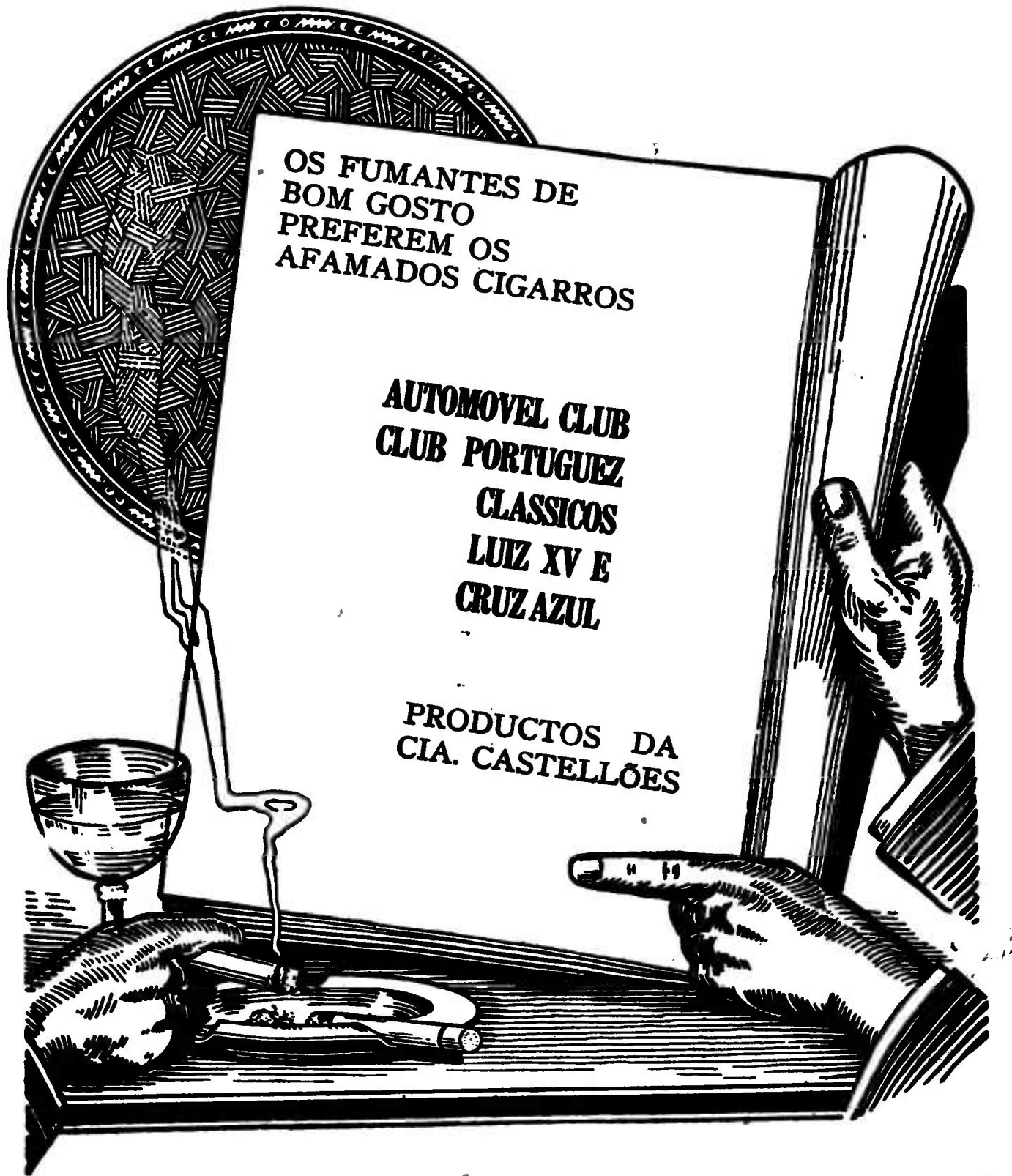
E que, apesar de tudo isso, inda me não conformara com a vida, que inda sapateava raivosamente, sa, numa revolta inutil e tola ante os logros que ella me pregava.

E depois de todo esse palavreado, você sorriu, aquelle sorriso irritante e ironico, e me aconselhou, paternalmente, a que não exigisse da vida mais do que o que ella em impulsos de creança caprichosa me pode dar, que a amasse pelo que ella tem de bom, que ficasse contente, porque inda ha manhãs lindas e tardes magnificas, porque é um prazer dos deuses o tomar-se chá, aristocraticamente, ás 5 da tarde, em porcelana chineza, ouvindo um tango sentimental; porque é uma deliciosa vertigem o a gente deslisar, a 120 kilometros por hora, no asfalto macio de uma recta interminavel...

Calei-me hontem, mas, agora, devo dizer-lhe: você tem razão, carradas de razão; você que dirige a sua vida com a mesma serena firmeza com que maneja o volante de sua Packard, em tardes movimentadas de corso; você, creatura esportiva e nada sentimental, de musculos de aço e "humour" inalteravel, e em cujos claros olhos infantis transparece sempre uma alegria boa... você, britannico e imperturbavel, que saboreia a vida como uma fruta gostosa, cujo interior é amargo e que você tem a suprema sabedoria de morder ao de leve para gostal-a bem.

Mas eu — pobre de mim! — que nada tenho de britannica e muito menos de imperturbavel, que inda não consegui destruir de todo isso que você desconhece, que são os nervos... eu, continuo, pretenciosamente, a descrer da vida e da felicidade, a ler os philosophos scepticos e estoicos, a olhar a vida e as coisas com amargo dissabor, inda que você ponha no seu sorriso e nos seus olhos claros todo um mundo de superioridade ironica e compassiva...

F...

Elsie Pinheiro

OS FUMANTES DE
BOM GOSTO
PREFEREM OS
AFAMADOS CIGARROS
AUTOMOVEL CLUB
CLUB PORTUGUEZ
CLASSICOS
LUIZ XV E
CRUZ AZUL
PRODUCTOS DA
CIA. CASTELLÕES

Os pontos de vista do dr. Josias

Leitor curioso e mexeriqueiro,

O dr. Josias era um homem de idéas e opiniões atravessadas. Escreveu, ou melhor, pretendeu escrever um livro originalissimo — "O Elogio do Odio" — titulo, sem duvida, paraphraseado daquelle outro celebre de Erasmo, o theologo de Rotterdam. Começou, para isso, a ajuntar notas e material, de onde extrahiria o livro e chegou a organisar um consideravel acervo.

De repente, o dr. Josias desappareceu. Houve quem dissesse que se suicidara, lançando-se num rio longinquo de Matto Grosso. Affirmavam outros que fôra trucidado quando emprehendia atravessar uma região desconhecida de Goyaz, habitada por indigenas de atrazadissima civilização, tão primitiva que o prato mais fino ao paladar daquelles selvicolas era ainda a carne humana. Outros garantiam e garantem que o homem não morreu e que tendo abandonado o mundo culto, entregou-se á pecuaria numa das mais afastadas planicies do Piauhy...

Como quer que seja, ha quasi quinze annos que não ha noticias do dr. Josias. Para a nossa sociedade de apressados gozadores da hora presente, não ha differença entre esse estado de cousas e a morte. Podem-se-lhe, pois, publicar algumas notas do seu volumoso canhenho de onde ia sahir o "Elogio do Odio".

*

* *

A TRAÇA — Cança-me esta attitude de cupim a roer a idéa alheia, commentando-a, perquirindo-a, analysando-a.

A critica é uma superfetação. Lembra-me exactamente um verme voraz a carcomer, cada vez mais cheio de fome, o cerebro do artista.

Não, isso está errado. Ou a gente cria alguma cousa de novo, de inedito, que abra á humanidade, em qualquer dos seus ramos, um caminho novo, ou então a gente cala e goza do que os outros, mais bem aquinhoados pela mãe natureza, são capazes de fazer.

Em toda a orchestra ha canto e acompanhamento. E, não podendo ser o violino, contentemo-nos em ser o contrabaixo.

Mas o assobio do espectador irreverente, não. Esse é o critico.

S.

*

* *

RENOVAÇÃO — "Typo mental moderno" é o estribilho que ouço para defender e patrocinar as correntes estheticas destes ultimos tempos.

Typo mental moderno... Mas quem? O homem? Moderna é apenas a nossa vaidade, e ella mesma porque presente, não porque nova.

A PHILOSOPHIA DO PALPITE — Foi um caboclo inculto, mas intelligente e sagaz como um sabio, que m'a explicou um dia:

— "Crença, religião, politica, tudo são palpites que a gente tem. Olhe, é como a historia das raças de bois. Boi é uma raça só: dois chifres, um rabo, quatro pernas... No emtanto, um prefere a turina, outro a caracú, este baba-se pelo zebu e aquelle só quer gado hollandez. Falam em raça de porco... Haverá cousa mais engraçada? Raça de porco é milho. Entretanto, cada cor de pello tem as suas preferencias...

Tudo é palpite, seu moço, neste mundo de Christo!"

*

* *

DIALECTICA — Pois, si o senhor acha que eu o censuro porque penso de maneira opposta á sua, então o senhor me censura a mim pela reciproca applicação do criterio.

— Não, senhor, porque tenho a meu lado o consenso unanime que faz a lei.

— Não é verdade. O argumento é unilateral. O consenso unanime não faz a lei. O que faz a lei é a razão, com a qual cada um de nós concorda individualmente. O senhor está contagiado pelo preceito democratico, em virtude do qual a força do numero governa. Mas é tal a inefficacia do systema, que muito commumente o consenso unanime em vez de fazer a lei, faz a violencia.

*

* *

O ALTRUISMO — Toda a religião tem por base o altruismo.

Toda a religião promette uma recompensa.

A que serve, pois, o altruismo?

A ganhar, desinteressadamente, o céu.

*

* *

ABSTEMIO — E' verdade. Eu não sou sentimental. Tudo, para mim, tem de ir soffrer o contróle do cerebro para poder descer, em seguida, á categoria de affirmação, conceito, commentario ou duvida. O que lhe escapa á alçada põe-me em incerteza quanto á sua validade.

Tudo o que vem da embriaguez dos sentidos, seja pelo enthusiasmo, seja pela cólera, seja pela sentimentalidade ou pelo alcool, dá-me a impressão de envenenamento e me põe de sobreaviso.

Em moço, bem que fosse uma taça resistente, não tenho lembrança de uma unica bebedeira. E as minhas bebedeiras sentimentaes eu sempre amei fazel-as sózinho, sem confidentes e sem testemunhas...

*

SUD MENNUCCI

O CONTO DE ARLEQUIM

Os deuses, os deuses são fortes;
o tempo se some e succumbe
deante delles,
os joelhos dos homens se dobram.
Para elles sobem todas as preces
humanas
como incenso que os envolve.
E assim é, pois que são deuses.

QUANDO OS DEUSES RIEM...

JACK LONDON

TRAD. DO INGLEZ POR AMERICO R. NETTO

Carquinez descançava, afinal. Estirou um olhar lento para as vidraças que vibravam com o vento, fitou o tecto almofadado e escutou, um instante, o rugido do sudoéste mordendo o bangaló com suas fauces ululantes. Ergueu devagar o copo, pondo-o contra a flamma clara do fogo e longamente sorrindo á claridade loura do vinho.

"E' uma belleza", falou. "E' docemente doce. E' um vinho de mulher bonita. Ou foi feito, então, para santos de burel cinzento".

"E' da uva das nossas quentes collinas", expliquei, com perdoavel orgulho de californiano. "Você andou a cavallo, hontem, pelos vinhedos de onde elle vem".

Valia a pena fazer Carquinez descobrir-se. Elle só era bem elle mesmo quando sentia a quentura macia do vinho cantando no seu sangue. Era um artista, sempre; mas de qualquer modo, quando sobrio, o tom alto e a larga vibração fugiam dos seus processos mentaes e elle tendia a ficar triste como um domingo inglez — não triste como os outros homens são tristes, mas triste em comparação com a alegria damnada, que queimava Monte Carquinez, quando era realmente elle mesmo.

Não se pense disto que Carquinez, meu caro amigo e meu querido camarada, tivesse qualquer coisa de tolo. Longe de tal. Poucas vezes sabia o que era errar. Era um artista, como disse. Sabia quando tinha bastante e o bastante, com elle, era o equilibrio — o equilibrio que vocês e que eu temos, todos, quando estamos sobrios.

Na sua temperança instinctiva e sabia havia qualquer coisa de hellenico. Mas elle estava longe de ser hellenico. "Sou Azteca, sou Inca, sou Hespanhol", muitas vezes dizia. E bem que na verdade o parecia, mixto de estranhas e antigas raças, com a sua pelle escura e a asymetria e primitividade das suas feições. Seus olhos, sob pestanas macissamente arqueadas, eram largamente separadas e brilhavam pretos, com um negrume de barbaro, emquanto entre elles cahia e oscillava um cacho de cabellos pretos, através dos quaes olhava como um satyro por detraz de uma sébe. Usava sempre uma camisa de flanela macia, sob uma jaqueta de velludo encordoado. Trazia invariavelmente uma gravata vermelha, symbolo dos socialistas de Paris, lembrando o sangue e a fraternidade dos homens. Na cabeça nunca usara outro chapéo a não ser um sombrero cintado de couro. Dizia-se mesmo que já nascera coberto com elle. E pelo que me recordava, nada mais interessante do que vêr aquelle sombrero mexicano chamado um "cab" em Piccadilly, ou varando firme pelos apertões do metropolitano de Nova York.

— Já o disse, assim — Carquinez vibrava com vinho, "como a argila se agitava, quando Deus lhe infundiu o sopro da vida", na sua propria expressão. Confesso que sempre o julguei irreverentemente camarada de Deus; mas devo accrescentar que nisto não havia a menor sombra de blasphemia. Andava sempre direito e só porque usava e abusava de paradoxos, a maioria deixava de comprehendel-o. Podia, ás vezes, ser rude e crú, como um selvagem berrante; e de outras delicado como uma donzella, ou subtil como um hespanhol. Não era elle um Azteca? Um Inca? Um Hespanhol?

E agora, peço que me desculpem o espaço que lhe dei (Elle é meu amigo e eu lhe quero muito bem). A casa tremia com a tempestade, quando elle chegou-se mais ao fogo, mirando-o através o dourado do vinho. Olhou-me e pelo maior brilho dos olhos, pela vivacidade delles, comprehendi que finalmente chegara ao tom justo do seu diapasão.

"Pensa você, então, que ganhou contra os deuses, afinal?", foi o que perguntou.

"Que tem os deuses que vêr com isto?"

"Quem, senão elles, deram ao homem a saciedade?", repontou.

"E onde fica o meu desejo de escapar á saciedade?", perguntei, triumphante.

"Os deuses, outra vez", riu elle. "O jogo é delles. Elles baralham e dão as cartas... e tomam as paradas todas. Não pense que ganhou, porque fugiu das cidades loucas. Você, com suas vinhas de vinho doce e louro, seus occasos e auroras, sua casa modesta e sua vida singela".

"Tenho estudado seu caso desde que chegou. Você não ganhou nada. Você rendeu-se. Entrou em accordo com o inimigo. Confessou que estava cançado. Arvorou a bandeira branca da fadiga. Poz aviso de que a vida em você vibra agora baixinho e devagar. Fugiu da luta e da vida. Serviu-se de uma esperteza triste e inutil. Não quiz mais jogar. Atirou as cartas para debaixo da mesa e correu para esconder-se aqui, nestas collinas amigas".

Jogou para traz o seu cacho de cabellos e enrolou amorosamente um cigarro escuro.

"Os deuses sabem, porém. A illusão é velhissima. Todos os homens em todas as gerações, já tentaram fazel-o... E perderam. Os deuses sabem o que fazem com typos como você. Perseguir é possuir e possuir é ficar saciado. E assim, você, na sua sabedoria miúda, não quiz mais perseguir. Renuncia, assim, á tristeza da saciedade. Muito bem. Pois ficará saciado de renuncia. Diz que escapou ao excesso. Trocou-o simplesmente pela senilidade. E a senilidade é um nome grotesco para a saciedade. E' a mascara della. Ora!"

"Mas olhe para mim!", desafiei.

Carquinez era um demonio para sacudir a alma dos outros, reduzindo-a a farrapos.

Olhou-me longa e sarcasticamente.

"Mas você não vé signal algum", notei.

"A decadencia é insidiosa", redarguiu. "Você está podre de maduro."

Ri, perdoando-lhe a diabrura. Mas elle não queria ser perdoado.

"Pensa que não sei?", indagou. "Os deuses ganham sempre. Tenho espiado durante annos gente que joga e parece ganhar. Mas que perde sempre no fim".

"Você então nunca errou?", perguntei.

Elle soprou lentos circulos de fumaça antes de responder.

"Sim, quasi me enganei, de uma vez. Deixe-me contar-lhe. Foi com Marvin Fiske. Lembra-se delle? E da sua face de Dante e da sua alma de poeta, cantando a canção da carne, verdadeiro sacerdote do Amor? E de Ethel Baird? Lembra-se della?"

"Uma santa ardente", disse eu.

"Isto mesmo. Sagrada, como o Amor, e mais doce ainda. Apenas uma mulher, feita para amar e, entretanto — como direi? — tão vestida de santidade como o ar está aqui pesado de perfume. Pois bem. Casaram-se. Jogaram contra os deuses, uma vez..."

"E ganharam, ganharam gloriosamente", interrompi.

Carquinez olhou-me compassivo, e a sua voz tomou um tom de funeral.

"Perderam. Supremamente, colossalmente perderam."

"Mas todos pensam que ganharam", arrisquei, friamente.

"O mundo, em geral, conjectura, apenas. Só sabe vêr a superficie das coisas. Eu, porém, vi de outro modo. Já pensou alguma vez porque ella fez votos, enterrou-se voluntariamente no dolente convento dos vivos que morrem?"

"Porque ella o amava muito e quando elle morreu..."

A palavra gelou-se-me com o riso sarcastico de Carquinez.

"Uma resposta de convenção. Phrase feita. O juizo do mundo! O que o mundo sabe das coisas! E das pessoas... Como você, ella fugiu da vida. Foi derrotada. Mostrou a bandeira branca do cansaço. E nunca uma cidade sitiada arvorou tal signal com tanta lagrima e amargura.

"Agora vou contar-lhe tudo, e você deve acreditar-me, porque sei de tudo. Elles tinham pesado e repesado o problema da saciedade. Amavam o Amor. Sabiam até a extrema minucia o valor do Amor. Amavam-no tanto que queriam mantel-o sempre vivo e quente e vibrante. Bemdiziam sua vinda; temiam vel-o partir.

"O Amor era o desejo, elles pensavam, um penar delicioso. Sempre procurava satisfação e ao se vêr satisfeito, ao encontrar o que procurava, fenecia e morria. O amor negado era o amor vivendo; o amor concedido era o amor morrendo. Comprehende-me? Percebiam que não é do plano da vida estar faminta pelo que tem a seu alcance. Comer e ter fome — ainda nunca homem algum poude conseguil-o. O problema da saciedade. Era o que era. Ter e manter o gume acerado do appetite na ancia do desejo. Era este o seu problema porque amavam o Amor. E muitas vezes o discutiram, com todos os doces fremitos do Amor transbordando dos olhos; com o sangue rubro queimando-lhes as faces; com a voz delle tangendo, gemente, nas vozes delles, ora se occultando como um tremulo na garganta, ora fugindo e se esbatendo no sombreado de ineffavel ternura que só elle sabe tingir.

Como soube eu de tudo isto? Houve muita coisa que vi — muita.

E mais ainda aprendi lendo no diario della. Foi isto o que nelle encontrei, copiado de Fiona Macleod: "Porque, realmente, esta voz errante, este murmurio de fuga, este halito tão levemente orvalhado, este tocador de viola com azas flamantes, que só poucos vêem em raros momentos, num arco-iris de alegria, ou num relampago subito de paixão, este mysterio estranho que chamamos Amor, chega, a alguns raros visionarios, pelo menos, não com um canto nos labios que todos possam ouvir, ou com o rythmo batido de uma marcha em publico, mas como um torturado de extase, mudamente eloquente de desejo".

Como reter o tocador de viola de azas flamantes, com toda a sua muda eloquencia de desejo? Festejal-o, seria perdel-o. E o amor que tinham um pelo outro era um grande amor. Os seus celleiros pejavam, transbordantes, numa festa de plenitude; mas queriam manter intacto o gume acerado dos seus anhelos de amor.

Não porque fossem mesquinhos e fracos, cerebralisando-se em theorias nos humbraes da paixão. Eram almas robustas e bem realizadas. Tinham amado antes, com outros, tempos antes do seu encontro, e nesses dias haviam afogado o amor com caricias, matando-o com beijos, enterrando-o no tumulo da saciedade.

Nem eram, tambem, almas frias e severas. Eram quentemente humanos. Não havia no seu sangue a sobriedade saxonica. A côr delle era vermelho-pôr-de-sól. Irradiavam vitalidade. Por temperamento possuiam a alacridade carnal dos francezes. Eram idealistas, mas de um idealismo latino. Não os temperava esse fluido frio e sombrio que corre nas veias dos inglezes. Nem tendiam para o estoicismo. Eram americanos, descendentes de inglezes, mas nelles nada existia do espirito britannico de auto-negação e renuncia a todo transe.

Eram assim, feitos para o prazer, mas tinham tido uma idéa e quizeram experimental-a. Para o diabo as idéas e experiencias! Brincavam com a logica e era esta a sua logica — Mas deixe-me falar-lhe antes de uma conversa que tivemos uma noite. Foi sobre "Mademoiselle de Maupin", de Theophilo Gautier. Só beijára uma vez, uma vez somente, e não quizera mais beijos. Não que deixasse de julgar os beijos deliciosos, mas temia que repetindo-os, pudesse aborrecel-os. Outra vez a saciedade! Tentava jogar, sem parada contra os deuses. Mas isto é contrario ás regras do jogo que os deuses jogam contra nós. São regras que não estão escriptas na meza. Os mortaes devem jogar e jogar para aprendel-as.

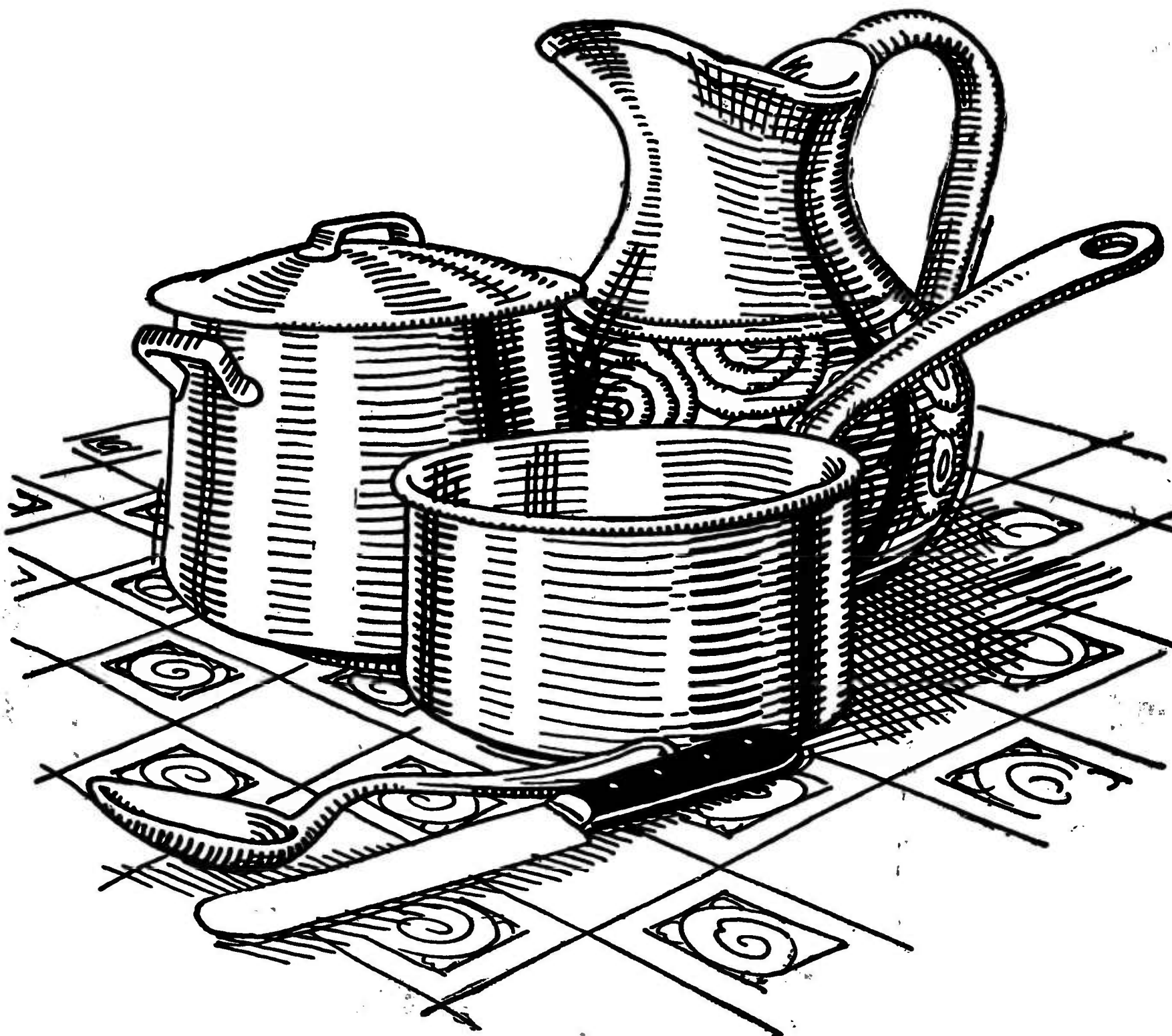
Mas bem, voltemos á logica. O homem e a mulher argumentaram assim: para que beijar uma só vez? Si beijar uma vez apenas é sabio, não será mais sabio não beijar nunca? Poderiam assim, então, manter o amor vibrante e vivo. Jejuando, privado de satisfação, havia de bater sempre ardente á porta dos seus corações.

Foi talvez por uma questão de hereditariedade que chegaram a tal conclusão. A ascendencia se affirma e algumas vezes de modo bem fantastico. Talvez fosse este o meio pelo qual a maldita Albion se mostrou a calculista de sempre. Afinal de contas, não posso saber. Mas isto eu conheço bem: foi pela ancia de prazer illimitado que arriscaram e perderam o prazer.

Elle dizia (como li muito depois numa carta escripta a ella): "Ter-te presa em meus braços, perto, mas não junto. Anciar por ti e nunca te possuir e sempre possuir-te assim". E ella: "E tu ficarás sempre fóra do meu alcance. E eu estarei sempre te tocando e nunca te attingindo, e isto durando sempre, cada vez fresco e novo, e sempre com a seda branca da novidade nos envolvendo".

Talvez não fosse este o modo exacto como falavam. Dos meus labios sua philosophia de amor sae mutilada. E quem sou eu, para mergu-

(*Continúa na pagina 32*)

ARIEAVIM

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM S. PAULO

DIRECTORES
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I — 9 DE FEVEREIRO DE 1928 — N. 10

O ERRO DOS OUTROS

— ... Aquella paixão? Era mentira. Um dia, as nossas almas se enamoraram e eu pensei poder fazer de você a minha obra de arte. Agora, comprehendo que sou demais humano para ser artista. Tenho impetos e fraquezas, e um artista, minha amiga, é, sobretudo, um paciente. Não pude abdicar de nenhum dos meus egoismos de homem. Para apagar as imperfeições que uma porção de outros deixaram em você, seriam necessarias muita astucia e calma. Seria preciso, ás vezes, recuar. E eu não aprendi a recuar, minha amiga.

Bem sei que, pouco a pouco, você iria perdendo a lembrança dos outros. Tenho certeza de que tudo em você seria meu: o modo de rir, falar, beijar, sentir. Você seria perfeita, então: a minha obra de arte. Mas, uma obra de arte só pode ser realizada friamente, e, ao seu lado, o homem que ha em mim antepõe-se ao artista, e elles se chocam, se anniquilam. Os meus impetos de homem impedem o trabalho do artista, e este, por sua vez, não se podendo desvencilhar, não consente que o homem veja em você apenas a mulher.

Quem sabe, se você tivesse vindo para mim intangida, immaculada, sem que nenhum outro houvesse, ainda, impregnado você de influencias maleficas, quem sabe, então, seria agora realizavel o meu anceio. Artista, eu encheria de belleza toda a sua vida; homem, teria em você o prazer ideal.

Porque não posso querer de você unicamente o que quero das outras? Porque amei você mais do que ás outras, muito mais. A você, emprestei todos os fulgores da minha imaginação, todas as subtilezas da minha arte, a minha bondade de bohemio, a minha altivez de petulante. Fiz você linda como o Cantico dos Canticos. Por isso, sobra-me o direito de exigir de você o que não se exige de uma mulher qualquer que vive comnosco o minuto de umas horas, e que se vae, em seguida, sem que saibamos depois de que côr tinha os cabellos.

Ouça, minha amiga. A imaginação de um artista é lente poderosissima. Você nunca espiou uma mosca atravez de uma lente? E depois, quando deixou de existir entre a sua vista e a mosca aquelle vidro convexo, você não se admirou do tamanhinho ridiculo da mosca? Foi o que aconteceu comnosco, minha amiga, e me exaspero e não me conformo com a certeza de que você é quasi nada, como as outras mulheres, cujo corpo já foi muito trabalhado por mãos inhabeis. Você é o producto de uma porção de erros, dos erros de uma porção de outros!

Culpa do destino? Foi elle quem atirou você na minha vida tão tarde? "Sim, minha amiga, talvez fosse o destino... Vargas Vila já disse: "el destino es, como Dios, una palabra... la palabra con que el hombre senala lo que no se explica..."

MAURICIO GOULART

MASCARA DE COLOMBINA

SONHARES...

A's vezes, eu me ponho a sonhar.

E sonhando fico... quieto e sozinho na solidão do meu claustro. E sonho... Sonho coisas imaginarias, absurdas, ás vezes encantadoras, ás vezes tristes d'uma tristesa lagrimosa que torna ainda mais pezada a solidão do meu claustro...

Sim... eu vivo no claustro de minha mente; sou monge... E pela noite a dentro me ponho a rezar baixinho os meus sonhares, diante do altar do meu coração. E rezo... e sonho... E sonhando, rezando fico... — Ha nesse altar uma santa formosa, tão fria e tão branca que ás vezes penso, que mysterio ella occulta assim tão branca e tão fria, qual marmore vazio! E rezo... rezo...

— Virgem branca que estaes sobre o altar, na cathedral do meu coração..., tão fria e tão branca, qual raio de luar... o claustro está cheio do vosso perfume, que lembra, não sei... uma chimera azul do Oriente! Tão lindos são vossos olhos que eu fico pensando em duas estrellas descidas do céo!

Sou monge... sois Santa...

Ouvis esse silencio? — E' a emoção de minha alma de monge errante... Virgem branca, se eu dissesse... — Que? — Que a lua é branca tambem... Verdade! Inda mais; ella nos manda beijos e caricias, pelos labios de setim e braços de velludos das suas prateadas fulgurações. Pallida virgem dos meus sonhares, que me perturba e me encanta...

Sou monge... sois Santa...

Que importa... oh! virgem se eu dissesse...

— Que? — Que o amor existe tambem. Mentira não é! — Ouvis esse murmurio que cresce?

E' o som grave do orgão que entôa no côro de minh'alma esse cantico de amor, envolto em vosso perfume querido que persiste.

Ardem cirios alvos impassiveis... porque arde na chamma do vosso rosto uma lagrima?

— Oh! dizei-me Dona Branca, que mal vos fez este misero monge, que é vosso doce amante, minha doce amada... — Porque desmaiaes, Dona Branca, pallida e magôada?... porque vos quêdaes, oh flôr? dae-me o vosso amôr! São vossas as palavras que me roçam a fronte? Sois vós. Não tem outra origem, doçura tamanha, esse canto divino! Perdoe, Dona Branca, perdoae!

Misericordia d'um peccador misero, que esqueceu que Dona Branca já não póde ser amada no mundo... Sou monge... sois Santa.

Virgem branca do meu altar, a quem hoje adoro de joelhos e rezo contrictamente, sêde a minha guarda e o meu thesouro...

Velae pelos meus passos, assim como velo por vós no altar...

Sêde a minha santa padroeira, que serei vosso sachristão...

Sêde o meu céo, porque n'elle serei um eterno bemaventurado...

Sêde a minha luz, porque bemdicta sois entre as mulheres no altor do meu coração... Assim seja infinitamente. Amen.

PHELIPPE GASTON.

Duvida

Bebi, gotta por gotta, toda a taça;
Depois, febricitante de desejo,
Sorvi, num longo beijo, os labios teus
E fui a cambalear pelo caminho.

Teus labios segredaram-me com graça:
— Foi o vinho.

E a taça retiniu:

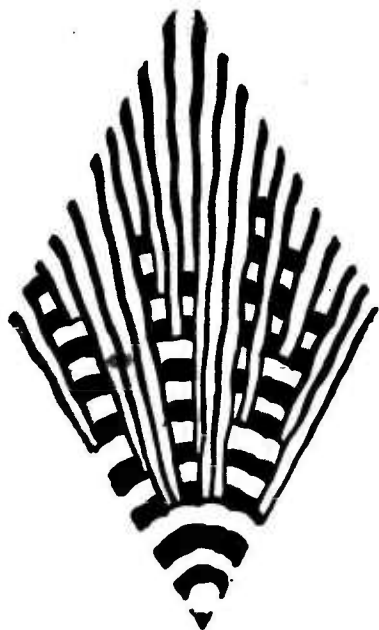
— Juro por Baccho, o meu deus,
que foi o beijo.

MARIO L. DE CASTRO.

"Arlequim" em Copacabana

Confidencias

de

Silveira Bueno

Desabrocha, no céo, a noite, a flor de sombra,
e o silencio deflue dessas petalas mansas;
que tristeza fatal este meu ser ensombra,
que saudade me vem de mortas esperanças!

O silencio entristece e a recordar convida...
Eu lembro-me de ti, sonho da minha vida!

Eu lembro-me de ti... Sempre ouvi em menino,
que é santo nos lembrar de quem nos esqueceu;
depois, tu me olvidaste á força do Destino.
Quem ha de censurar-te, assim, não serei eu.

Ha em tudo volupia, até mesmo no olvido:
que prazer doloroso o de ser esquecido!
Nunca sentiste, á noite, á hora em que a magua cresce,

um desejo tenaz de rever, no passado,
o nome de um alguem, que te foi uma prece,
que foi tua virtude ou talvez teu peccado?

Quando a noite envolver de manso o teu jardim,
recorda-te de mim.

O baile de "cabeças phantasiadas" do Tennis Club Paulista

Um lindo grupo que não piscou com o estouro do magnesio: conservou o seu sorriso, os olhos grandes muito abertos, o seu encanto, emfim.

E ha quem affirme que as graças são só trez. Quatro, no minimo, ellas são.

Ivonne Daumerie

A senhorita Yvonne Daumerie marcara encontro com a graça e com a sociedade paulista para o dia 2 de fevereiro no theatro Municipal. A graça foi — levaram-na suas alumnas, levou-a ella mesma. A sociedade, menos pontual e menos gentil, não foi... Mandou representantes. Isto quer dizer que havia lugares, no theatro, inconcebivelmente vasios. E o publico que lá estava não era por certo o de São Paulo, pois tinha applausos para quem os merecia. Era um publico original, bizarro, extranho ás usanças severas da triste capital paulista. Elle batia as mãos, produzindo ruidos que o velho theatro ignorava, elle sorria, elle era um conjuncto de pessoas, grato á senhorita Yvonne Deumerie que o encantava com os lindos olhos buliçosos que a natura lhe deu.

Não tinha o preconceito da parcimonia de palmas como indice de educação artistica; era simples e sincero. Sentia-se bem entre aquellas moças graciosas, finas, elegaotes e bonitas. Sentia-se bem, agradecia.

Trez cabeças encantadoras que fazem a gente ter uma raiva doida de Schopenhauer...

Antes do mais, a senhorita Yvonne Daumerie cantou, ao violão, tres dessas doces canções que nos fazem sorrir pela ingenuidade do que dizem; tres dessas canções em que ha um pouco da suavidade lyrica da alma brasileira. Depois, um "Who", fox-trot em inglez, que "Arlequim" não entendeu. E, portanto, admirou! Admirou a graça dos labios da senhorita Yvonne Daumerie, contrahindo-se com petulancia num "Who" fatidico que se repetia insistentemente. Admirou a voz macia e delicada que perguntava: "Who? Who? Who?"

As senhoritas Natalina Ferroni e Adazir Bastos foram as deliciosas companheiras da senhorita Yvonne Daumerie nos bailados da segunda parte. Aquella, um pouco timida, olhando para dentro, com medo de ver a platéa... Esta, segura de si mesma, possuidora de uma technica invejavel, perfeitamente calma e nada affectada. Ambas, muito graciosas, direi, mesmo, perigosamente graciosas!

As mais alumnas, como suas companheiras. Isto, isoladamente — o conjuncto resentia-se um pouco da falta de ensaios, dados os atropelos e impecilhos que quasi obstam a arealização do espectaculo. Não nos furtamos ao prazer de relembrar a terceira parte, um "Jardim Encantado", que realmente encantava. Sua magia era tanta que até a orchestra, aliás pessima, melhorou um pouco.

A "Noite Veneziana" agradou bastante; preferimos, entretanto, "As Marias". Foi o melhor trabalho da senhorita Yvonne Daumerie, um "Manel" de costelletas, audacioso, convencido, que olhava com uma ponta de desdem "As Marias" todas, certo que estava de conquistal-as ou quem quer lhe parecesse.

PEDRO HORTIZ

"Arlequim" não sabe qual destas foi a premiada. Mas está quasi dizendo que a do canto é a mais bonita.

SOCIEDADE HARMONIA

O "Premio Arlequim"

O carnaval de S. Paulo foi sempre um carnaval bisonho, havendo na grande festa da Alegria uma excepção apenas: — era a que se fazia notar no seio das grandes sociedades desta capital, á frente das quaes, mais brilhante e mais frequentada, se apontava a Sociedade Harmonia, com o seu baile classico annual dedicado a Momo.

Era um baile aristocratico, fino, apurado em todas as suas minucias, e esta praxe ia subindo em rutilancia cada vez mais, habituando-se a gente culta de S. Paulo a não se surprehender com as festas que ella prodigalizava.

Neste anno, mais do que nos anteriores, a festa do Harmonia requintará em elegancia e encanto. No dia 18 deste fevereiro guizalhante, em que erra no ar o ether de sonho dos lança-perfumes e o abraço caricioso das serpentinas multicores, aquelle baile encherá toda uma noite de belleza. Dedicado aos grandes (á gente grande) desta paulicéa que sabe trabalhar e sabe rir, será aquelle o baile da "Caverna do Diabo", alli no Santa Helena, estando toda a decoração entregue a Luiz de Barros, scenographo e director da Companhia Ra-ta-plan.

A alta sociedade paulistana, que levará a essa festa, com certeza, todos os encantos da sua distincção, terá occasião de assistir á disputa de tres fidalgos premios: de originalidade, de belleza e de riqueza. O premio de originalidade será offerecido pela nossa revista, entrando assim "Arlequim" em franca collaboração para que augmente ainda, se possivel, o exito da festa do dia 18.

Uma noticia nova e agradavel: será facultado, nesse baile, o uso de lança-perfumes, serpentinas, confettis, de tudo isto, emfim, que torna inesqueciveis as festas carnavalescas.

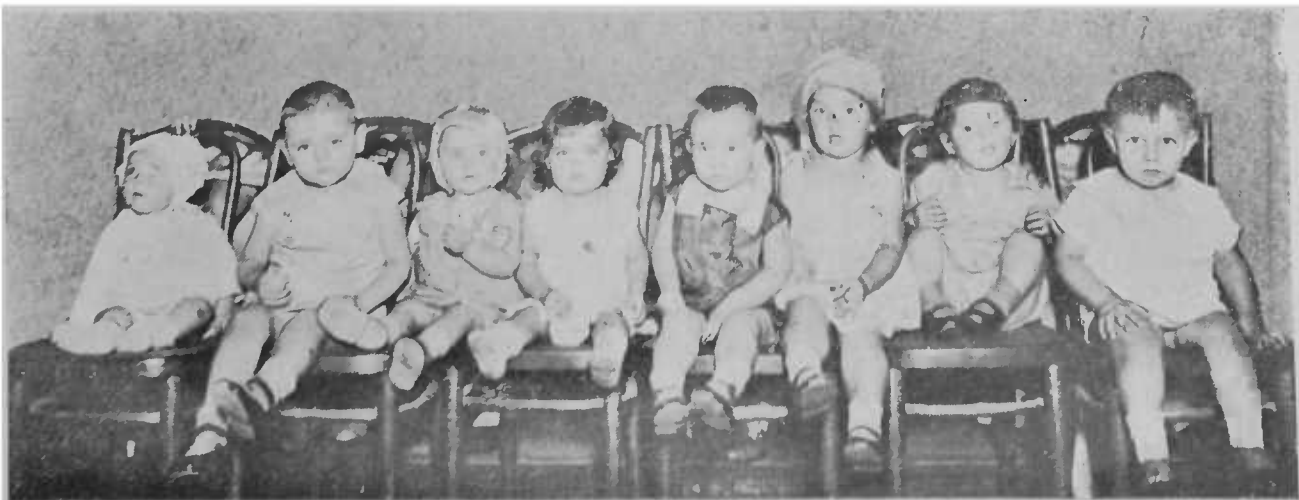
* * *

Tambem na vesperal que a Sociedade Harmonia proporcionará ás creanças, no proximo dia 14, nos aristocraticos salões do Trianon, "Arlequim" offerecerá o premio de originalidade á menina que se apresentar mais surprehendentemente fantasiada. Além deste "Premio Arlequim", a directoria da Harmonia offerecerá tres outros: — um de belleza, á menina que se apresentar mais lindamente vestida; e os outros dois, tambem de originalidade e belleza, serão disputados pelos meninos.

Um grupo de moças e rapazes que estiveram presentes ao ultimo baile da Associação dos Empregados no Commercio.

Concurso de robustez infantil

As quatro creanças premiadas. Que gal anteza, meu Deus! Parece mentira, mas "Arlequim" gosta muito de creanças. Até mais do que de gente grande...

A mesa de clinicos que presidiu o julgamento, vendo-se ao centro o dr. Figueira de Mello

Chi! Quanta creança bonita! E dizer que a gente já foi assim e que no tempo da gente não havia concursos e tão pouco premios. Retrato, a gente tirou, tambem. O photographo avisava: "Vae sahir o passarinho"! Mas, não havia "Arlequim" para publicar o retrato da gente!

ELEGANCIAS FEMININAS

Eu gosto do Carnaval; nos quatro dias que elle impera, o juizo, — esse senhor burguez e tediento — fica em casa jogando bisca com seus filhos, os preconceitos, a espera da quarta-feira de cinzas.

E porque juizo e preconceitos ficam em casa, as creaturas do Senhor sahem para a rua com o ar encantado que deviam ter Adão e Eva no seu primeiro "footing" nos jardins do Paraiso. A alegria, esse sol raro da vida, pirueta nas almas e nos corpos, e um pouco daquella linda loucura bem amada de Erasmo cantam dentro de nós.

E temos, como as creanças em ferias, um ar prodigioso de senhores do mundo.

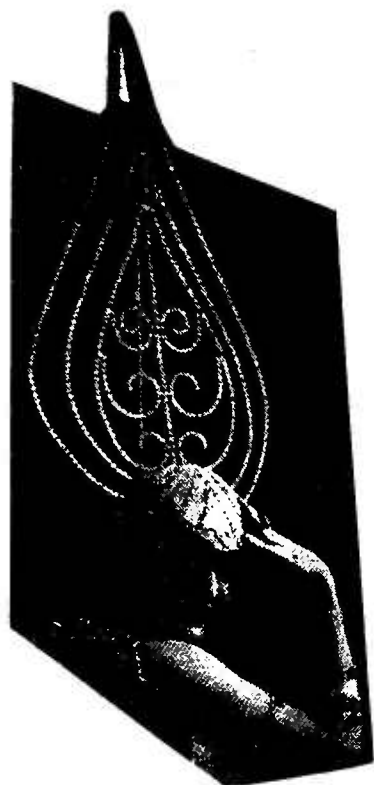
* *

*

Affirmam que o Carnaval anda morrendo. E' uma grande mentira, grande e feia. O Carnaval só anda morrendo para aquelles que não esperam mais nada delle, nem mesmo um pouco de sonho, nem mesmo um pouco de saudade pelos carnavaes "idos e vividos".

O Carnaval não morre. Muda de alma, apenas. As mascaras são as mesmas. Os Pierrots e Colombinas são quasi eguaes aos que Gavarni e Forain puzeram a andar no mundo. Os rostos, debaixo das mascaras e das fantasias é que mudaram, são outros, com outros corpos, outras almas, outros sonhos, outro sentido de vida.

Colombina ainda sabe trahir. Arlequim, evadido da velha comedia italiana, é ainda herdeiro das artes sagradas de D. Juan. Pierrot soffreu transformações. Não sabe mais chorar. Não sabe mais ser inconsolavel, não sabe mais dizer, na quarta-feira de cinzas, como o Pierrot de Alvaro Moreyra:

Pobre Pierrot. dos escombros
Surjo exausto, uma ruina.
Trago a saudade nos hombros
Vestida de Colombina.

E' possivel que elle tenha aprendido, depois de tantos carnavaes, não haver nada melhor para curar a saudade de uma Colombina perdida que outra Colombina.

E' possivel, tambem, que elle tenha morrido, que delle só restem trajes camouflando Arlequins subtis.

*

* *

O Carnaval sabe o segredo de pôr o povo contente. Nesses quatro dias a multidão dá idéa de milhares de maitacas na festa pantagruelica das jaboticabas. E eu gosto do povo quando elle se parece com maitacas. Seu dinheiro vae todo em gazolina, lança-perfumes, confettis, serpentinas. Elle fica contente assim mesmo, fechando os olhos para não vêr essa senhora grande e má que se chama Vida. Não se lembra dos impostos, não pensa nos politicos, não pensa no leite falsificado que lhe anda matando os filhos pequeninos. Ri, vê rir, ouve rir.

Consola-se, na quarta-feira de cinzas, deante dos olhos pouco amaveis da senhora Vida, manietado por preconceitos tristes e tontos, — como aquelle personagem do fundador do Theatro de Brinquedo:

— Faltam apenas 362 dias para o outro Carnaval.

O desejo de se phantasiar renasce em cada Carnaval. A largos passos aproximam-se os bailes á phantasia, e a mulher que tem sempre uma grande facilidade de renovação sonha com seus travestis.

As Colombinas, os Arlequins, os Principes encantados, as Fadas, personagens de contos e legendas, por serem muito antigos, têm o poder de se renovar cada anno e, desses themas conhecidos, surgem variações modernas e interessantes.

Das revistas modernas de theatro, mil idéas podem ser aproveitadas.

Procuremos sempre uma nota de originalidade, que nos pode ser fornecida pelos ultimos acontecimentos mundiaes.

O puigoin que actualmente é considerado o melhor porte-bonheur, que entrou em voga com o nome de Alfred, nos fornece uma boa e original idéa.

Personificar uma fructa, uma flor, um insecto ou um passaro, creando alguma variante ou detalhe inédito é sempre encantador.

MARILÚ

Quaesquer consultas sobre elegancia devem ser dirigidas a Marilú, caixa postal 3323.

CASA FACHADA

FUNDADA EM 1878

A maior e mais conhecida no ramo de PERFUMARIAS, artigos para toilette e outras especialidades.

Praça do Patriarcha ns. 11 e 13 -- Telephone 2-2472

FACHADA & CIA.

Importadores e Exportadores

Caixa Postal n.º 1199 — S. Paulo.

Dentre as infinitas cousas que evidenciam o progresso de São Paulo, os seus estabelecimentos commerciaes, pelo tamanho e pelo luxo das suas installações, demonstram, tambem, o adeantamento da nossa Capital.

É por isso que temos prazer em noticiar as grandes reformas por que acaba de passar a CASA FACHADA, a antiga e conhecida casa de perfumarias da Praça do Patriarcha ns. 11 e 13, a qual, fundada ha já meio seculo, realizou agora importantes melhoramentos, em tudo dignos do povo e do progresso de São Paulo. Tivemos o prazer de fazer uma visita áquella casa, constatando que é, sem intuitos de bairrismo, das mais importantes casas do ramo de perfumarias, no Brasil. Pelo que observamos, a CASA FACHADA póde affirmar que está em raras condições de bem servir á sua enorme clientela da Paulicéa, do interior e dos outros Estados. Um melhoramento assim, eleva o commercio da nossa bella Capital.

AMANHAN

Quando, em nosso jardim silencioso e fechado,
vier a Noite beijar os repuxos em flor,
viveremos então o idyllio perfumado
que andamos a sonhar, cheios do mesmo ardor.

Junto a mim, tu serás como um lirio encantado,
e eu serei, junto a ti, teu escravo e senhor..
Os ceus abençoarão nosso doce noivado,
as arvores darão mais sombra ao teu pendor.

Sorrirás. Sorrirei, olvidando o passado,
esquecendo, feliz, a voz da antiga dor..
E, sentindo-te assim, como em sonho, a meu lado,

de joelhos, bemdirei todo o mal anterior,
— porque, nesse jardim silencioso e fechado,
nossas vidas serão dois sorrisos do Amor!

CORRÊA JUNIOR

O AVESSO DA VIDA

J. G. Villin, já satyrico a despeito dos seus vinte e poucos annos (aqui no "Arlequim" é assim: tudo moço) mostra-nos nestas figuras os ridiculos inconscientes do Carnaval.

No flagrante abaixo a gente vê o eterno trio: "Madame, monsieur et l'autre" Madame diverte-se. "Monsieur", idem. E "l'autre", idem, idem, ibidem. Cada um a seu modo.

O pimpão mosqueteiro, dos dias de Carnaval, é, de facto, um empregadito que vive no regimem dos "vales" de emissão completa. D'Artagnan, pelo avesso, é incapaz de vencer um coraçãosinho de pão-de-ló.

Elle sonha e revive os esplendores de Momo. Ah! si pudesse. Não é, porem, nem mesmo parece...

Este par, á direita, passeia, displicente, quarenta annos de Carnavaes. O Carnaval é sempre o mesmo. Mas a Carne já não o é..

Fantasiou-se de corvo. O de Poe, talvez... E vive, como aquelle, a murmurar: Nunca mais! Nunca mais.

Os Carnavaes e "ellas" passaram..

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

IV

Viveu ha muitos annos — e talvez nem fosse verdade — um certo Jaques de Chabannes, conhecido por senhor de La Palice... Pois este homem foi um honesto e virtuoso marechal de França, para sempre tornado ridiculo, em virtude da maldade ou da ignorancia de um typographo idiota... Certo poeta, alvoroçado pelas bravuras do marechal, consagrou-lhe uma ode que assim começava:

"Monsieur de La Palice
Est mort devant Pavie.
Un quart d'heure avant sa mort
Il faisait encor envie!..."

E o typographo idiota, ignorante ou mau, mudou o ultimo verso em:

"Il etait encor en vie..."

Depois, a calumnia pegou, o ridiculo permaneceu atravez de quatro seculos, deshonrando a memoria dum soldado honesto que, inda por cima, morreu heroicamente no cerco de Pavia, embora descuidado das relaxações dos posteros! Mas essa injustiça não deve continuar por seculos adeante e é preciso que seja reparada. E' tempo já de se tratar da rehabilitação de La Palice! E para isso aqui estamos, meus irmãos, e como, para se fazer alguma cousa, é preciso principiar, aqui começamos pelo principio, conforme o juizo criterioso do illustre Conselheiro Accacio.

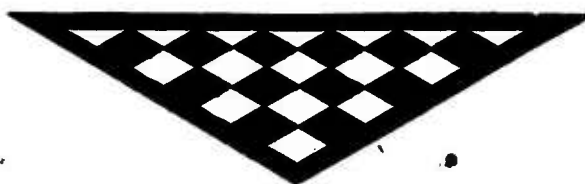
Eis aqui um imminente pensador que tem sido tão calumniado e debicado como o inditoso La Palice. No entanto, trata-se de um homem verdadeiramente ajuizado, e como poucos, porque tem sempre presente ao espirito a prudencia trivial e facil que vocês frequentemente esquecem na vida quotidiana e, porisso, torcem o pé descendo a escada, ou quebram um dente comendo manga, mal avisados a respeito do caroço... Ingenuidade e prudencia, meus irmãos, eis o que tem engrandecido e salvo muita gente neste mundo; eis em que consiste, a grande sabedoria do nosso illustre amigo Accacio... Ingenuidade e prudencia que a sabedoria ensina e faz com que um cavallinho caipira que vem da roça — em terras de voto secreto — empaque ajuizadamente deante dum Ford originario e negro a berrar deshumanamente!

Accacio tambem merece a rehabilitação; como, porém, a sua ridicula celebridade é de origem mais recente, não faz mal que vá esperando, emquanto se cuida de La Palice. Além disso, o nosso amigo Accacio, ainda não foi de todo descoberto pelos homens, tanto que, nesta civilizada terra, onde vocês vivem aos coices, ha gente graúda acreditando que elle é outro e que o outro nunca é elle! Apesar disso, o homem existe em toda a plenitude da sua pessoa intellectual, embora ande continuamente afastado das realidades essenciaes e outras prolixas complicações...

Inda agora acaba de publicar o seu eloquente livro "Pelo amor de Deus", onde avultam as suas qualidades de pensador e sobresahe o seu estylo dynamico, rithmado e revelador das inquietudes do momento. Pelos ensinamentos desse livro podemos affirmar que todos os nossos patricios são brasileiros introvertidos, mas preoccupadissimos com gregos, francezes e troyanos. Depois de profundos mergulhos na sociologia nacional, onde foi mariscar sciencia, o nosso bom Accacio vem á tona trazendo as verdades simples e essenciaes que mostram, na sua pobreza, a decantada terra brasileira, victima de lyricas illusões.

Accacio, neste momento solenne, de regeneração social e monetaria, é a voz que clama as verdades essenciaes, as verdades puras e banaes, que vocês tanto esquecem e porisso as extranham! Já um sabio nacional ponderou: "As verdades simples e praticas são infelizes, como todas as cousas modestas; não se impõem á admiração de ninguem e os olhos dos sabios passam sobre ellas quasi sempre com uma ruga ironica..." Essas verdades banaes e formidaveis, simples e decisivas, são as verdades corajosamente prégadas pelo nosso amigo Accacio.

Rehabilitemos, pois, o Conselheiro tambem, começando por um "Gloria-patria" entoado por nós, no fervor da nossa fé e, por vocês, meus irmãos, com alegoás patrioticos e puxados a sustancia, á gloria do emerito Accacio contemporaneo e mais á do joá, do jaó e do Jahú...

PAULO DE S. PAULO

DESERTO

Senhor! De mãos cruzadas sobre o peito;
De cabeça pendida e olhar soturno;
De pés cançados de pisar na areia,
Eu ando pela vida...

Quanta areia no caminho percorrido!...
Quanta areia no caminho a percorrer!...

Ao longe, o pó se levanta...
— E' a tempestade de areia
Por onde andei...

Ao longe, o pó se levanta...
— E' a tempestade de areia
Por onde irei...

Senhor! Deste-me um grande soffrimento
Mas, não me deste a força de soffrer...
Tenho medo! E' tão longo o meu caminho!
Deixa, Senhor, que eu pare aqui...

ENÉ FARÁ

Canta no pinho a cantiga
Num cantar maravilhoso!
Não ha, bem sei, quem não diga:
— "Quanto este mundo é harmonioso!" —
Sentindo o quanto eu senti
Ao som da sua cantiga,
Linda Yvonne Daumerie!

Duns olhos eu não me esqueço:
Olhos verdes! não conheço
Outros tão bellos assim!
— São os seus, Elsie Pinheiro!
Mas o "lorgnon" feiticeiro
Os encobre de "Arlequim"

Vem sorrindo a vida inteira
Naquelle sorriso lindo
Onde a alegria persiste!
Mas disse Clelia Franqueira
Que embora viva sorrindo
Seu coração vive triste...

NUM MAR DE ROSAS...

Eu não sou poeta triste,
Não faço trovas chorosas:
Gosto do riso e do chiste
E a minha vida consiste
Em viver num mar de rosas.

E vou remando a canôa
Sem temor da calmaria...
A minh'alma vive atôa
Achando a vida tão bôa,
Tão cheia de poesia!...

Poesia! Riso! Graça!
Tudo o que o bello requer,
A gente encontra sem jaça
Nessa sublime argamassa
Com que se molda a mulher!

Minha Musa inspiradora,
Num infantil alvoroço,
Teve a idéa seductora
De fazer, como escultora,
De flores um leve esboço.

Ante a pedra d'alabastro
Parou de buril na mão
E guiou-se pelo rastro
Que deixou Pygmalião!

Foi ter com Apollo e lhe pediu mais estro
E rima rica para seu escopro!
Inspiração! Belleza! E burilou.
E foi feliz no seu trabalho dextro,
E deu-lhe a vida num radiante sopro!
Vêde pois o que a Musa idealisou!

Já fez uma eternidade
Que não vem á cidade
Onde esta vida é tão bella!
E a cidade — com certeza! —
Anda cheia de tristeza
Com muitas saudades della!

Tem graça e belleza tanta!
Tem belleza e graça nova!
Como canta! Canta... canta.
E encanta! Gaby da Nova!

Ouvi contente outro dia,
Na Radiotelephonia,
Uma canção de você:
Foi só assim, Elza Salles,
Que perdoei certos males
Lá da S. Q. A. G.

Após vagar pela vida
Procurando uma guarida
Que fosse do seu agrado,
A Belleza em sua essencia
Fixou a residencia
No olhar de Kalú Penteado!

Sou talvez dos mais constantes
Nos teus recitaes recentes:
Os teus versos são calmantes
Para as minhas musas doentes!
Passo os melhores instantes,
Ineffaveis, excellentes,
Ouvindo as palavras quentes
Dos teus versos palpitantes!
Almejo, com teus ouvintes,
Oh Maria Emilia Fontes!
Que muitos louros ajuntes!
E vejo que os teus requintes
Abrem novos horizontes!
Mas porque... não me perguntes!

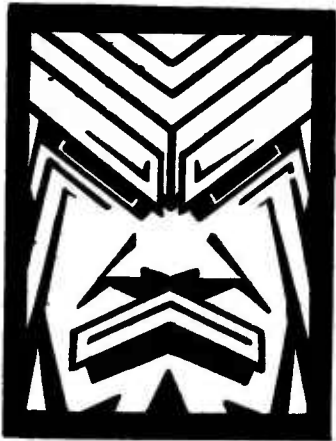
DR. FELIX

Margarida Max. Está no Rio, ainda, mas virá breve para S. Paulo, que já vive cheio de saudades della.

Lucerito del Plata. Trabalha com Roulien, de cuja troupe é a "petite vedette". Dansa e canta tangos, e a gente fica pensando que Lucerito del Plata é uma sombra de sons que está dansando...

Elsa Lilliegreen, de cabellos doirados e de corpo esguio,

lembra as loiras "willis" das lendas lindas do Danubio Azul.

Alice Spletzer, primeira bailarina da Companhia Ra-ta-plan, realiza a sua festa artistica a 15 do corrente. Cheia de belleza, Alice é uma creança grande, que vive sempre sorrindo. Por isso, na noite da sua festa, S. Paulo, que a ad mira tanto, encherá de palmas o theatro Apollo

Mechita Cobos, tambem trabalha com Roulien. Mechita... os olhos mais bonitos e maiores que ha nos palcos de S Paulo. Ao vel-os disse alguem, tentando traduzil-os: "nunca vi tanta luz dentro de tanta treva!"

ELEGANCIAS MASCULINAS

Falámos, no ultimo numero, da superioridade que mostraram os argentinos, resisitindo á invasão da moda, quasi diriamos do "modismo" anglo-saxonio.

Fizeram-no, porém, com justeza e discreção. Emquanto aqui imitavamos, exaggerando, elles tratavam de chegar a uma adaptação, que souberam vincar com alguns traços de interessante originalidade.

Vejamos como. Vindo do alto para baixo, temos em primeiro logar o chapéu. Os platinos repelliram o feltro com as abas inteiramente cahidas, typo "cloche" adoptando o uso da aba quebrada na frente, tão suggestivo de vibração e leveza nas nervosas figuras dos sul-americanos. Os jovens, principalmente, abandonaram as abas todas reviradas para cima, enroladas até e que dão a todo mundo um ar doutoral ou puritano, quando não, si derrubados um pouco para a nuca, contribuem para tornar imbecil o rosto mais intelligente.

Agora, os collarinhos. Ao contrario de nós que usamos collarinhos quasi imperceptiveis, deixando mesmo que a parte trazeira do paletó roce francamente pela nuca e nella se engordure, os argentinos ficaram-se pelas alturas medias: 5 para as pessôas de pescoço comprido e 4 ou 4 e 1 2 para as de pescoço mais curto. Sim, porque a altura do collarinho, em que pasme os nossos elegantes, deve variar de accordo com o comprimento do pescoço!

Quanto aos colletes, mantiveram-se os nossos vizinhos do sul com o modelo direito, para os ternos, adoptando os de traspasso, mas bastante fechados e com as golas rectas, para uma fantasia ou variação, em tecido differente do das calças e do paletó.

As calças larguissimas e compridissimas nunca tiveram entrada na Argentina. Nem mesmo nos Estados Unidos e da Inglaterra alcançaram outro exi-

to senão a approvação, por alguns mezes apenas, de uma meia duzia de excessivos. Neste ponto convém notar, até que os argentinos usam calças mais estreitas na bocca do que no joelho, comquanto sufficientemente folgadas para serem commodas.

Nos paletós é que a moda de Buenos Aires se affirma mais interessante e nova. Tanto os modelos sacco como os jaquetão têm as costuras externas com pospontos duplos, como mostram as nossas gravuras. Duplo e bastante separado, variando a largura entre os pospontos conforme o tamanho e volume da pessôa.

Outra caracteristica dos casacos argentinos está em que os bolsos externos são cosidos por cima, o que permitte muito maior simplicidade e correcção de linhas. Como se sabe, estes bolsos não devem carregar coisa alguma ou quasi nada, sob pena do traje ficar deformado. Têm effeito principalmente decorativo. E si cosidos por cima não ficam estufando o paletó para os lados, como succede com os que têm portinhola.

As golas em Buenos Aires têm o entalhe bem pronunciado e muito alto, bastante subido ao hombro. Ficam assim mais longas, tendendo a verticalisar a figura.

Para terminar, notemos as mangas relativamente estreitas, os botões grandes e o traspasso dos jaquetões de extensão media.

Na composição do vestuario as linhas nada têm de curtas ou bojudas. São longas e fugidias, principalmente nos paletós modelo sacco.

MAHITÊ

instantaneos

Buscando cousa nova noutro povo,
O poeta viajor, forte e jocundo,
Conseguiu construir um "mundo novo"
Com tudo o que encontrou no Velho Mun-
do. .

Foi ter á Hespanha e lá viu a Rainha
— Um caso serio para um brasileiro! —
Si versos não lhe fez em toda a linha,
Foi porque Goy de Silva os fez primeiro. .

. . : :

Depois de tantas terras percorridas
Fez um livro de "Rezas prohibidas"
Que por isso não li. era peccar!
E por fim recolheu-se a vida quieta,
Concretizando o sonho de poeta
Na ventura feliz de um lindo lar!

Effe-de-Que

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas. Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estylista maravilhoso dos **Motivos de proteo,** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas mereceriam exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **Ariel** *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada. E' necessario que a mesma venha sob pseudonymo. O nome do autor virá dentro de um enveloppe fechado, tendo no sobrescripto o pseudonymo adoptado.*

E' doido, é insensato, é ridiculo o que eu faço! Ainda não ha doze dias que você partiu e eu lhe escrevo.

Mas, já não posso mais! Ha doze dias que arrasto através de São Paulo, por toda parte, no tennis, no club, na bolsa, o desespero de uma vida inutil.

Será possivel que você tenha partido? Até o ultimo instante eu não acreditava que me deixasse e agora, após tantos dias, ainda tenho a impressão de me debater num pesadelo horrivel.

Uma discussão, uma scena violenta, uma felicidade destruida, aniquilada irreparavelmente! Essa felicidade que ha quatro annos nós vimos creando, solidificando, na qual puzemos o melhor que havia em nós.

Helena, eu reflecti muito, depois que você partiu: senti quanto a quero, quanto você me quer, e medi a extensão da doidice que estamos commettendo.

Não, minha menina, não nos illudamos. Não se vive impunemente quatro annos ao lado de uma mulher, amando-a, adorando-a, pondo nella todo o seu ideal, fazendo-a a confidente de todos os sonhos, a companheira de todos os triumphos e alegrias e dores e miserias, sem fiear para sempre acorrentado a ella.

Você foi muito, você foi tudo para mim...

Eu lhe maguei cruelmente, e você me offendeu irreparavelmente... como julguei no primeiro momento.

Quando partiu, eu senti que nunca mais a perdoaria, mas o amor foi mais forte que o orgulho, elle venceu... e eu lhe escrevo.

Você tambem me ama, Helena! eu sei que me ama! Uma mulher como você não dá o coração duas vezes!

Se fosse uma indifferente ou uma cerebral, talvez conseguisse refazer sua vida, na dedicação aos outros, no esquecimento de si propria. Mas você é uma mulher ternura, coração, sentimento!

Depois de ter experimentado o amor, o nosso amor, nunca mais poderá viver sem elle!

Nunca eu senti isso tão intensamente como hoje: desesperado, vencido, cansado de soffrer, voltei pela primeira vez, ao seu "boudoir", ao nosso "boudoir", á salinha querida em que passavamos as noites, á salinha que guardou, mais do que qualquer outra peça, nos seus estofos claros, nas suas velhas gravuras, nos livros e "bibelots" essa qualquer cousa de subtil e indefinivel que é a lembrança vaga de você.

Então, mergulhado na minha poltrona, mais que vendo, sentindo a penumbra rosea coada através o quebra-luz, naquelle nosso "boudoir", todo silencio e intimidade, onde, na menor prega de seda, na menor bomboniére, nos tamboretes, nas tapeçarias, nas almofadas, em qualquer detalhe emfim, vive e vibra um pouco de você, lembrando

predilecções e gestos seus... — naquelle nosso "boudoir", tristemente, religiosamente, puz-me a tocar os discos que mais amavamos, que tanta vez ouvimos juntos.

Ah! o poder evocativo da musica...

Aquelle disco de Massenet... — lembra-se? — aquella "berceuse" intensamente doce, acariciante, envolvente...

Quando, na saleta obscura, os primeiros sons, muito em surdina, fizeram-se ouvir, pungentes, emocionados, todo o passado — tão proximo e tão remóto! — resurgiu, bruscamente, a meus olhos.

Foi numa noite assim... nesta saleta. você, delicada e fina, estendida na "bergére"... sua cabecinha loira sobre a almofada de seda Pompadour azul bem claro, era tal qual um sól. as mãos mergulhadas na pellugem fofa de Gipsie.. baixadas, sobre os olhos claros, as longas palpebras anilrosadas... e ouvindo... ouvindo...

Eu a senti tão minha nessa noite, tão unidas nossas almas!...

— Helena, nós nos amamos muito, somos por demais felizes... E' impossivel que isso dure a vida inteira!

Eu estava a seus pés. Num gesto instinctivo de revolta, num mêdo superticioso de que o Destino me ouvisse, você poz a mãozinha branca e setinea sobre os meus labios: — Não fale assim meu amor!...

E revejo seus olhos claros e agoniados, e sinto a pressão dos seus dedos finos a tapar-me a bocca...

Helena, Helena! eu não posso mais viver sem você! Volte! Você não tem o direito de aniquilar a minha vida, a sua vida... a nossa vida!

Lembre-se de como tudo era lindo e bom e calmo, com o nosso amor.

Tudo, agora, é tão triste!...

Que será de nós dois, si você não voltar?

Olhe, a existencia é longa, longa.... e, após a mocidade sem amor, nós teremos uma velhice solitaria, sem lar, sem o mutuo consolo da nossa meiguice.

Helena, minha querida, minha mulherzinha tão amada, reflicta!

A felicidade, na vida, só nos sorri uma vez; não n'a percamos por um capricho d'amor... proprio.

A mocidade é linda! O amor é tudo!

Não inutilize para sempre nossas duas existencias por uma doidice de creança.

GUY

CLAUDE

QUANDO OS DEUSES RIEM..

(*Continuação da pagina* 5)

lhar no mysterio das suas almas? Sou um batrachio, á margem de um lago desconhecido, olhando com olhos esbugalhados a maravilha das suas almas ardentes.

E tinham razão... emquanto não perderam. Tudo é esplendido... quando não o possuimos. A posse e a saciedade são os cavallos que puxam o carro do enterro do amor; caminham lado a lado.

"E o tempo fará tristemente
com que se suma e se apague
a fremencia desesperada do nosso Amor
que afinal, morrerá,
no luto cinzento do costume.

Tiraram-no de um verso de Alfred Austin. Si me lembro, chama-se "Sabedoria do amor". Era o beijo unico de Mademoiselle de Maupin. Como era mesmo?...

"Beijemo-nos e teremos de nos apartar
Nem mais além podemos ir. E melhor será morrer
que vir descendo, ou passando da força á fraqueza."

Elles, porém, julgavam-se mais sabios. Nem se beijariam, nem se apartariam. Não se beijariam nunca e assim ficariam no cume mais alto do Amor. Casaram-se. Você estava então na Inglaterra. E nunca houve casamento como aquelle. Guardavam bem o seu segredo. Eu mesmo não sabia de nada, naquelle tempo. Os seus ardores não esmoreciam. O seu amor queimava com sempre augmentado brilho. Nunca houvera paixão como aquella. O tempo passava, os mezes, os annos e sempre o tocador de viola de azas flamantes com elles resplandecia mais soberbo.

Era um assombro geral. Tornaram-se os amantes magnificos. Eram immensamente invejados. Algumas vezes as mulheres tinham pena della, porque não tinha filhos. Tal a forma que a inveja toma ás vezes...

E eu não sabia o segredo delles. Pensava. Imaginava. A principio esperara, talvez subconscientemente, o fim daquelle amor. Mas chegou o momento em que percebi que o tempo passava e o amor não morria. Senti-me curioso, então. Que segredo era aquelle? Com que magicas algemas prendiam o amor? Como retinham o elfo ingrato? Que elixir de eterna paixão tinham juntos bebido, como nos velhos tempos succedera a Tristão e a Isolda? E que mão lhes preparara a magica bebida?

Fiquei curioso e comecei a vigial-os. Estavam loucos de amor. Viviam numa infindavel orgia de amor. Faziam disto uma pompa e um cerimonial. Saturavam-se na arte e na poesia do amor. Não, não eram nevroticos. Eram sãos e saudaveis e eram artistas. Mas tinham conseguido o impossivel. Tinham encontrado o mysterio do desejo sem fim.

E eu? Via sempre muito delles e do seu immortal milagre de amor. Pensava, imaginava e um dia..."

Carquinez parou, brusco, perguntando:

"Já leu "O tempo de espera do Amor?".

Disse-lhe que não.

"E' obra de Page. Curtiss Hidden Page, si não me engano. Pois bem. Foi quem me deu a chave do problema. Um dia, no assento da janella, junto do piano — lembra-se como ella tocava? Costumava rir e algumas vezes duvidava si eu vinha á casa por causa delles ou por causa da musica. Chamava-me "debochado de sons", "musico-maniaco". E que voz esplendida tinha ella! Quando o ouvia cantar, não me era difficil crer na immortalidade e meu respeito pelos deuses quasi se tornava protecção e eu pensava em modos e meios de illudir suas illusões.

Era um espectaculo proprio para Deus, aquelle homem e aquella mulher, casados ha annos, e cantando canticos de amor com uma frescura virginal, como o proprio amor recemnascido, mas, tambem, com uma madureza e riqueza de ardor que não podem conhecer os que amam de pouco. Os nossos amantes de novo são pallidos e anemicos, ao lado daquelle casal ha muito tempo casado. Vel-os, em fogo e luz e ternura, num tremulo distanciamento, prodigalisando caricias de olhar e de voz com o minimo gesto, num silencio vibrante de paixão — o seu amor, chamando-os um para o outro, e elles se afastando como mariposas fascinadas, cada um delles uma flamma ardente para o outro, e girando um em torno do outro, nos circulos desesperados de uma surprehendente orbita de desejo! Parecia, que, em obediencia a alguma grande lei de physica, mais forte que a gravitação, mais subtil ainda, porém, que elles deviam, afinal, encontrar-se e fundir-se ante meus proprios olhos. Não era maravilha alguma que fossem chamados os amantes maravilhosos.

Já divaguei muito. Agora voltemos á chave do segredo. Um dia, no assento da janella, junto ao piano, achei um livro de versos. Abriu-se por si mesmo, trahindo um longo habito, em "O tempo de espera do amor". A pagina estava crespa e um pouco escura, de tanto lida e nella eu pude vêr:

"Tão doce é estar apenas de leve separados
conhecermo-nos melhor e guardar e manter
a sensação deliciosamente macia de dois que apenas se tocam.

Ainda não, amor... Ainda não.

Guardemos nosso amor

Enroupado de mysterio e esperando o segredo dos annos futuros
Que não vieram. não vêm aindaııı ainda não... que virão
num dia qualquer

que virão...

Ainda não.

Ainda um pouco mais, para que o nosso amor cresça e floresça

Quando elle fructificar será então que morrerá

Guardemol-o com beijos que não sejam beijos nos labios,

deixemol-o dormir
no ninho da renuncia, esperando um pouco ainda

ainda um pouco, mais.... esperemos...

Ainda não... Ainda não.

Fechei o livro e fiquei silencioso e quieto. Abalara-me a nitidez da visão que assim se desdobrava. Foi uma illuminação. Foi um relampago de Deus na treva das profundezas. Elles queriam conservar o amor, o voluvel menino, o precursor da vida nova — a vida nova imperiosa por nascer.

No meu cerebro cantava, repetindo-se: "Ainda não... Ainda não" "Deixemol-o dormir no berço da renuncia." E ri muito alto, por fim. Vi, com uma visão candente, suas almas sem macula. Eram crianças, apenas. Não comprehendiam nada. Brincavam com o fogo da Natureza. Dormiam com uma espada núa, de gume duplo. Riam dos deuses. Queriam estancar a seiva cosmica. Tinham inventado um systema e o haviam trazido para a mesa de jogo da vida, esperando ganhar. "Cuidado!" tive vontade de gritar-lhes. Os deuses estão attentos. Inventam regras novas para qualquer novo systema que appareça. Vocês não têm chance alguma de ganhar.

Não lhes disse nada, porém. Esperei. Haviam de aprender que aquelle systema não valia nada e desistiriam delle. Deveriam contentar-se com a felicidade que lhes davam os deuses e não procurar outra nem mais.

Esperei. Espiei. E não lhes disse nada. Os mezes continuavam a vir e a ir, e ainda o gume acerado do desejo cada vez se aguçava mais. Nem elles deixavam que se abrandasse com um só amplexo de amor. Afiavam-no cada vez mais na renuncia e cada vez mais elle se acerava. E tudo foi até um ponto em que eu proprio duvidei. Estavam os deuses dormindo? Ou teriam morrido? E ri de mim para mim mesmo. Um homem e uma mulher tinham feito o milagre. Tinham illudido os deuses. Tinham envergonhado a Carne e borrado de negro a face da Mãe-Terra. Tinham brincado com o seu fogo sagrado e não se haviam queimado. Estavam immunes. Eram elles mesmos os deuses, conhecendo o bem e o mal e não provando nem de um nem de outro. "Como podem os deuses ter deixado isto?", inquiria eu. "Sou um batrachio e os meus olhos pesados de lama deveriam estar cegos pelo esplendor dessa maravilha que assisto. Enchi-me de ar com pretensa sabedoria e estou fazendo mau juizo destes deuses".

"Mesmo assim, nesta phase de espirito, eu estava errado. Elles não eram deuses. Eram um homem e uma mulher — argila molle que suspirava e anciava, vibrante de desejos, sacudida de anhelos que os deuses não conhecem".

Carquinez partiu a narrativa para enrolar outro cigarro e rir asperamente. Não era um riso agrada-

vel: era um sarcasmo de demonio e cobria o rumor surdo da tempestade, que agora amansava.

"Sou um sapo", disse, quasi desculpando-se. "Como podiam elles comprehender? Eram artistas, não biologistas. Conheciam a argila do atelier, mas não conheciam a argila de que elles mesmos eram feitos. Mas, deixe-me dizer-lhe — jogavam tudo quanto possuiam. Nunca se tinha visto jogo assim e duvido que possa haver, ainda, jogo egual.

Jamais houve extasi de amantes como o delles. Não tinham matado o amor com beijos. Tinham-no levado com recusas. E pela renuncia quasi o faziam rebentar de desejo. E o tocador de viola de azas flamantes os abanava com suas azas aquecidas, quasi os fazendo desmaiar. Era o proprio delirio do Amor que continuava sem diminuir, augmentando nos mezes e nos annos.

Desejavam e anciavam com todas as penas deliciosas e todas as agonias de prazer, com intensidade que amantes nunca dantes haviam soffrido e gosado.

Mas um dia os deuses abriram os olhos. Despertaram e viram o homem e a mulher que estavam rindo delles. E o homem e a mulher olharam-se nos olhos, uma manhan, e descobriram que alguma coisa tinha fugido delles. Era o tocador de viola de azas flamantes. Fugira, silenciosamente, uma noite, deixando aquelle leito de anachoretas.

Olharam-se nos olhos e viram que não se importavam mais. O desejo morrera. Comprehende? O desejo morrera. E nunca se tinham beijado. Nem uma só vez. E o amor fôra embora. Nunca mais desejariam, anciariam, queimando-se frementes. Para elles nada mais restava — nem tremores, nem hesitações, nem angustias deliciosas, nem pulsações, nem suspiros, nem cantos. O desejo morrera. Morrera de noite, num leito frio, onde estava abandonado; nem elles o tinham sentido morrer. Conheciam-no pela primeira vez pelos olhos um do outro.

Os deuses podem não ser bons, mas são misericordiosos. Tinham virado a bola de marfim e levado da mesa a parada inteira. E tudo que estava era o homem e a mulher, olhando-se nos seus olhos gelados. Foi então que elle morreu. Esta foi a misericordia. Dentro de uma semana Marvin Fiske morreu — você recorda-se do accidente. E no diario della, escripto na época, li muito depois as phrases de Mitchell Kennerly's:

"Tantas horas passaram
em que nos poderiamos beijar
mas nunca nos beijámos."

"Que terrivel ironia", gritei.

E Carquinez, os reflexos vermelhos do fogo pondo no seu vulto tons mephistophelicos, fixou-me com seus olhos negros.

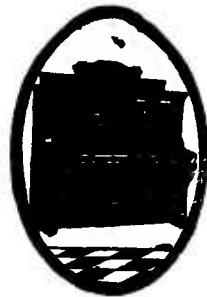
"Acha, então, que ganharam? O juizo do mundo! Agora você sabe. Ganharam como você aqui está vencendo, nestas collinas amigas".

"Mas você", rompi, indignado. "Você com suas orgias de sons e de sentidos, nestas cidades loucas, com esta gente maluca — você pensa que ganha?"

Elle deu lentamente com a cabeça, dizendo que não. "Porque você perde, com o seu regimen bucolico, não é motivo para que eu ganhe. Não ganhamos nunca. A's vezes pensamos que vencemos. E' apenas um brinquedo dos deuses."

Leiam, no proximo dia 18, o nosso numero de Carnaval. Illustrações typicas de J. G. Villin. Collaboração interessantissima sobre as festas carnavalescas. Iniciaremos tambem, nesse numero, a nossa secção cinematographica a cargo de Pedro Hortiz. Pedro Hortiz é o pseudonymo modesto de um dos nossos mais brilhantes belletristas. Suas criticas terão sempre duas partes: numa, estudará a cinematographia — noutra, os films da semana.

Pedimos aos interessados, que nos enviem informações até quatro dias antes da publicação de cada numero.

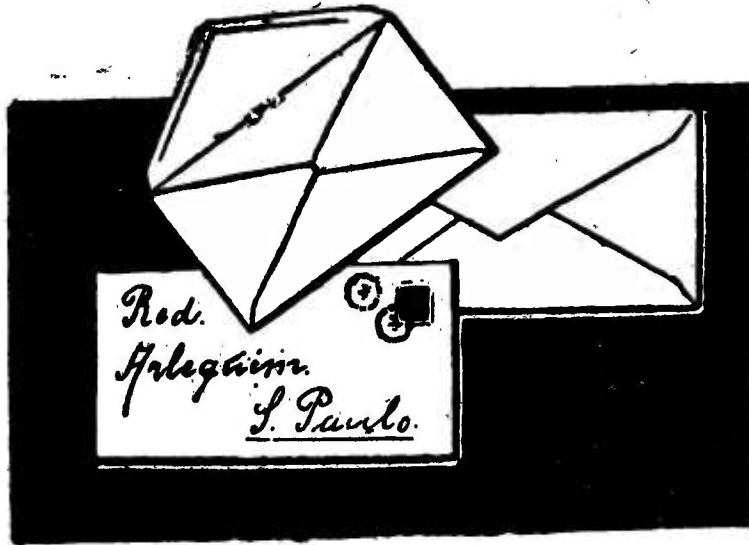
CHAPÉOS
PARA
SENHORAS
Lindissimos modelos de Paris
Casa Leblon
TELEPHONE
C-1540
Rua Gonçalves Dias, 15
RIO DE JANEIRO

AOS QUE NOS ESCREVEM

Léa — (Capital) Era fatal. Tinha de acontecer, mais dia, menos dia. Arlequim ensaia beijos e morde, quer acarinhar e arranha. E' rispido, grosseiro, malcreado. Foi o destino quem lhe metteu a gargalhada na bocca e a rigidez nos musculos.

Arlequim, minha amiga, frequenta os salões aristocraticos por curiosidade, apenas. Elle sabe vestir uma casaca e rir como ninguem. Faz blague e diz galanteios ás mulheres pelo unico prazer de sentil-as tão ingenuamente credulas. A vida de Arlequim é quasi toda feita de artificios. Elle não é sincero quasi nunca. Aprehendeu que a verdade é herva damninha e mente sempre. Por isso, Arlequim é adoravel e adorado por vocês, emquanto vocês se contentam em vel-o como um boneco, em gozal-o como um brinquedo delicioso e raro.

Mas, Léa, não procure nunca vêr o fundo da alma de Arlequim. Não deseje ser amada por elle. Arlequim, quando ama, é impetuoso. Quando se esquece do verniz com que pinta as palavras e attitudes, é rispido, grosseiro, malcreado. Foi o destino quem o fez assim, quem lhe poz na alma o amor das ruas, das aventuras e perigos. Arlequim só se sente bem no meio de perfumes fortes de flores do matto. E você, Léa, é florinha bonita de estufa...

Sonia — (Capital) "Arlequim" é todo de você, porque você deve ser bonita e intelligente, e, sobretudo, porque você tem um ar assim de quem vive vendo a vida com olhos bons. E "Arlequim" gosta muito de quem não gosta de Schopenhauer.

Por isso, Sonia, vamos satisfazer aos seus dois pedidos. O primeiro, aliás, não apresenta nenhuma difficuldade. Se você deseja tomar parte no nosso concurso, sem, no entanto, dar-se a conhecer, use de

uma mentirinha e fica tudo resolvido. Escute: se é verdade que exigimos que os concorrentes nos enviem dentro de um enveloppe fechado, em cujo sobrescripto virá o pseudonymo adoptado na carta de amor, o seu verdadeiro nome, não é menos verdade que, se o enveloppe vier fechado, não poderemos saber nunca se foi ou não satisfeita a nossa imposição... Entendeu?

Agora, Sonia, vamos á segunda parte. Você me pede que diga a você umas coisas agradaveis, o que vem mais uma vez demonstrar que você é intelligente e tem bom gosto. Mas, que é que lhe vou dizer? Cada mulher tem um gosto especial: umas, precisam do chicote de que fallava Nietzsche; outras, gatinhas felpulas, "ont besoin de caresses"...

A qual das cathegorias pertence você, minha amiga?

Julieta — (Campinas) Faz um calor detestavel e o sol entra-nos pela redacção a dentro, com a semcerimonia dos que se sabem inevitaveis. O telephone tilinta e da typographia pedem lhes sejam enviados os ultimos originaes. Lembro-me de Eça de Queiroz e louvo-lhe o procedimento quando, sentindo o moço da typographia, a tossir e "não podendo arrancar uma só idéa util do cranio, do peito, ou do ventre", metteu uma formidavel tunda no Bei de Tunis. Só quem conhece o martyrio que é a gente escrever por obrigação, vendo os ponteiros do relogio caminharem vertiginosamente (aqui na redacção foram abolidos os relogios e folhinhas como coisas prejudiciaes, mas, isto pouco importa) é que comprehende a grande razão que acudia ao artista das "Notas contemporaneas".

Mas, vamos ao que importa. Nos versinhos que você compoz em mi-

nha homenagem e nos quaes você me diz, numa letrinha meuda, egual, burgueza, elogios do arco da velha, descobri apenas (além da inspiração, é claro...) um grande erro em que você cahiu e do qual devo prevenil-a.

Intelligentes, geniaes, minha amiga, são unicamente aquelles que sabem ganhar dez mil réis e economisar oito; que vendem chita ou seda aos metros de setenta centimetros; que emprestam dinheiro a juros de oito por cento ao mez; que são Harpagões e se intitulam baluartes da moralidade publica e voltam a cara ás pessoas de reputação duvidosa; que são judeus, brahmanistas, budhistas, catholicos, protestantes ou atheus segundo as conveniencias; que se impõem horarios até para os divertimentos. Estes, sim, minha amiga, têm as qualidades com que você nos pretendeu brindar. Nós, os que gostamos da noite e das estrellas, e que passamos horas inteiras lendo poetas e philosophos, e que fazemos da litteratura profissão, nós, os que não sabemos nada de hypocrisias, somos tolos, profundamente tolos — ouviu?

Violet — (Capital) Estou encantado com você. Nem sei mesmo como agradecer-lhe o "N'aimez qu'a moi" que você me enviou no meio daquella porção de "marrons glacés". Li, não sei onde, que os homens não amam os perfumes. Mentira! Pavoneam-se disso os que nunca os receberam de mãos suaves como as de você.

Myriam — (Capital) Porque não nos escreveu mais uma linha siquer? Abandonado de vocês, como viverá "Arlequim"?

Dora — (Jahú) Não, senhorita, tenha paciencia. Estudo graphologico?!? Nem a peso de ouro! Peça-me qualquer outra coisa, menos isto.

Epycarnus — (Capital) Leiamos alto os seus desaforos: "Sr. Valerio. Muito grato pelos "elogios" com que me "brindou". Que V. S. não julga com o devido criterio, que não age com imparcialidade e coherencia — é coisa que salta aos olhos do "ignorante" que sou. Pois é V. S. quem, infantilmente, o confessa: "Julga com calor, com neurasthenia e maldade!!! "Por ventura merecerá attenção o "juizo" expendido por um suposto "critico" que aspotente para julgar? Ora, bolas! Isto não parece de accôrdo com o que V. S. "imagina" ser. Então, tudo quanto não cheira a "futurismo" não presta?... No entanto, o juizo publico, que é verdadeiro, já se formou devidamente, em relação á sua... "revista"... O de profundis não tardará... Porque, isto de litteratura a Mario de Andrade, Menuci, Dalmada, etc. é cousa que não pega, nem a olho de machado dos novos talentos! Com o renovo dos calor, neurasthenia e maldade? — o humilde e beato — Epycarnus..."

Mausinho! Você tomou as dores de Paulino Ardel (?), a quem vaticinei promissor futuro no numero passado de "Arlequim", e zangou-se atôa. Afinal — oh! purissima creatura! — não havia razão alguma para tanta zanga. A gente não pode ao mesmo tempo assobiar e chupar canna. Paulino Ardel, moralista, poderá fazer em literatura, quando muito, orações funebres, para o que, penso eu, o burilador de "Beijo e liberdade" tem um certo geitinho... E você, como amigo, deve aconselhal-o a que se dedique ao mistér. Diga-lhe isso e nunca mais se abespinhe, mocinho nervoso.

VALERIO.

LEIAM o nosso numero de Carnaval, a sahir no proximo dia 18.

EST. GRAPH. PHŒNIX - RUA DO CARMO, 72